



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



* Obra editada e publicada em novembro de 2017



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Luciano Volcan Agostini

Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnicos Administrativos:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Beatriz Ana Loner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profa. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2014*

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas, v.20, (dez. 2014). – Pelotas: Editora
da UFPel, 2014f.
1v.

Annual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em novembro de 2017**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
ENTRE VIRGENS VIDENTES E LÍDERES CABOCLAS: BREVE ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GUERRA SERTANEJA DO CONTESTADO	
<i>BETWEEN VIRGINS SEERS AND LEADERS CABOCLAS: BRIEF STUDY ON THE PARTICIPATION OF WOMEN IN THE CONTESTED SERTANEJA WAR</i>	
Rita Inês Petrykowski Peixe Analice Dutra Pillar	07
A BATALHA DO IRANI: CONSTRUÇÕES DE LEMBRANÇAS	
<i>THE BATTLE OF IRANI: BUILDING MEMORIES</i>	
Celso Vianna Bezerra de Menezes	25
O TEMPO MESSIÂNICO: UMA ANÁLISE HISTÓRIA E CULTURAL DO MESSIANISMO CAMPESSINO NO CONTESTADO (1912-1916)	
<i>THE MESSIANIC TIME: AN HISTORICAL AND CULTURAL ANALYSIS OF THE PEASANT MESSIANISM IN CONTESTADO WAR</i>	
Rui Bragado Sousa	37
ETNICIDADE E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO DOS CASOS DE MAUS TRATOS E MORTES DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS NA REGIÃO DO CONTESTADO (1908 – 1916)	
<i>ETHNICITY AND VIOLENCE: A STUDY OF CASES OF MISTREATMENT AND DEATHS OF FOREIGN IMMIGRANTS IN THE REGION OF THE CONTESTED (1908 - 1916)</i>	
Viviani Poyer	68
O MOVIMENTO DO CONTESTADO ATRAVÉS DE FONTES JORNALÍSTICAS: O CASO DO JORNAL “A FEDERAÇÃO” (PORTO ALEGRE, 1912-1916)	
<i>THE CONTESTADO MOVEMENT THROUGH JOURNALISTIC SOURCES: THE NEWSPAPER CASE “THE FEDERATION” (PORTO ALEGRE, 1912 – 1916)</i>	
Márcia Janete Espig	82

**A QUESTÃO DE LIMITES E OS USOS E "PERMANÊNCIAS" DOS MAPAS DO
CONTESTADO NA CARTOGRAFIA PARANAENSE**

*A QUESTION OF LIMITS AND USES AND "CONTINUITIES" OF THE CONTESTADO'S
MAPS IN THE CARTOGRAPHY OF THE PARANÁ*

Luiz Carlos da Silva
Roseli Boschilia 95

**TERRA E RESISTÊNCIA: AS DISPUTAS FUNDIÁRIAS NOS VALES DOS RIOS
NEGRO E IGUAÇU E SUA INFLUÊNCIA NA ADESÃO AO MOVIMENTO
SERTANEJO DO CONTESTADO, (1889-1917)**

*LAND AND RESISTANCE: THE LAND DISPUTES IN THE VALLEYS OF RIVERS
NEGRO AND IGUAÇU AND ITS INFLUENCE IN THE ADHESION TO THE BACKLAND
MOVEMENT OF CONTESTADO (1889-1917)*

Alexandre Assis Tomporoski
Soeli Regina Lima 108

**OS SISTEMA DE TRABALHO ATRAVÉS DOS PROCESSOS DE LEGITIMAÇÃO DE
TERRAS, LAGES-SC (FINAL DO SÉCULO XIX - INÍCIO DO SÉCULO XX)**

*SYSTEMS WORK THROUGH THE PROCESS OF LAND LEGITIMATION, LAGES - SC
(END OF THE CENTURI XIX - EARLY XX)*

Janaina Neves Maciel 119

SENSIBILIZANDO O OLHAR: O CONFLITO DO CONTESTADO NA SALA DE AULA

SENSITIZING THE LOOK: THE CONFLICT OF CONTESTADO IN THE CLASSROOM

Mariana Carmona Braga
Raisa Sagredo 133

**SINGULAR, EXEMPLAR E UNIVERSAL. CRIMES E CASTIGOS NA CAMPANHA DO
CONTESTADO**

*UNIQUE, EXEMPLARY AND UNIVERSAL. CRIME AND PUNISHMENT IN
CONTESTADO WAR*

Rogério Rosa Rodrigues 144

ENTRE VIRGENS VIDENTES E LÍDERES CABOCLAS: BREVE ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GUERRA SERTANEJA DO CONTESTADO

BETWEEN VIRGINS SEERS AND LEADERS CABOCLAS:
BRIEF STUDY ON THE PARTICIPATION OF WOMEN IN THE CONTESTED
SERTANEJA WAR

Rita Inês Petrykowski Peixe¹
Analice Dutra Pillar²

RESUMO: O estudo ora proposto traz algumas aproximações acerca da presença das mulheres, tendo como cenário a Guerra Sertaneja do Contestado, na tentativa de argumentar que, para além das lideranças masculinas, no espaço sertanejo da Guerra do Contestado, muitas mulheres estiveram envolvidas e tiveram o seu nome registrado na história. Se o universo militar sertanejo inclui o feminino, a produção artística advinda desse episódio também as tem abordado – embora a partir das descrições bibliográficas que versam sobre o tema – quer sejam como líderes guerreiras, heroínas, videntes, mães dolorosas ou, simplesmente, atuando no campo de luta, nos difíceis tempos de guerra.

Palavras chave: Mulheres; Lideranças; Arte; Guerra Sertaneja do Contestado.

Introdução

*Como mulher, não tenho país.
Como mulher, meu país é o mundo inteiro*
Virginia Woolf

A literatura e a arte, ao longo da história, se ocuparam em tornar públicos os incontáveis relatos e imagens de homens e mulheres que fizeram e fazem parte do universo popular, explícitas e representadas a partir do visto e do não visto, do real e do imaginado, do sentido e do projetado. Nelas, o

¹ Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Professora no Programa de Mestrado Profissional em Design (PPGD) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) – ritapeixe@hotmail.com

² Pós doutora pela Universidade Complutense de Madrid. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – analicep@uol.com.br

feminino aparece como uma presença nebulosa, quase esquecida em um contexto varonil, cujos valores se sobrepõem à sua altivez, graça e delicadeza, descritos como características do gênero.

Enaltecidas em poemas e imagens, desde antigas epopeias, em afrescos romanos, livros sagrados (como o Cântico dos Cânticos) até as odes de amor provençal ou os romances, pinturas, esculturas, registros materiais ou etéreos que anunciam ou denunciam a sua presença, quer seja pelo corpo nu – como deusas, musas, graças, protótipos de sedução, damas, símbolos sexuais – ou pelo corpo vestido – configuradas como mulheres da corte, rainhas, madonas, santas, mães dolorosas, bruxas, heroínas – disseminadas pelos milhares de arquivos e museus do mundo.

Em todos os âmbitos – político, econômico, religioso, social, cultural – e, em quase todos os tempos, um número pouco significativo de mulheres emerge da escuridão, se dá à própria luz, mostrando sua verdadeira feição. Temos, nesse contexto, exemplos expressivos que se notabilizaram como rainhas, heroínas, santas, líderes políticas, a quem a história imortalizou – a despeito de algumas circunstâncias contraditórias, manifestadas pela necessidade de legitimar outros valores: Hatshepsut, Joana D’Arc, Elisabeth I, Catarina (a Grande), num inventário que segue, incluindo algumas tantas, cuja presença é esparsa. Assim, se pensarmos que, em termos progressos, até meados do século XVIII, exceto nos matriarcados paleolíticos e na antiguidade egípcia, a presença feminina esteve muito mais à sombra, ocupando lugares secundários, não estranharemos que até mais recentemente, a literatura as ignore ou, na melhor das hipóteses, eventualmente lhes faça alguma menção.

Da mesma forma, em situações de guerra, não há como descrever um quadro dessemelhante, considerando que esta sempre foi uma empresa masculina. O próprio Maquiavel, ao publicar, no século XVI “A arte da guerra”, apresentou de modo estratégico as maneiras de arregimentar e disciplinar um exército, defensiva ou ofensivamente, suas formas austeras de organização, sempre aludidas aos cidadãos do sexo masculino – homens, reis, soldados, cavaleiros ou mesmo camponeses de todos os tempos, enfatizando a “importância de tais ações viris” (MAQUIAVEL, s.d).

Parece adequado afirmar que posturas brutais e violentas, que exigem força, truculência, frieza e crueldade, supostamente não sejam condizentes e nem correspondam a atitudes femininas. Também é possível acrescentar que foram atitudes como essas, ao perpassarem a história, que estariam sendo aludidas a conquistas, invasões sanguíneas, castigos, sujeições e outras tantas atrocidades. Contudo, à parte os maniqueísmos, não é minha intenção aqui

colocar em julgamento ou gerar situações conflitantes ou tendenciosas ligadas ao gênero, exaltando ou desprezando um em detrimento de outro.

Meu propósito é, tendo como ancoragem a Guerra do Contestado, “disputa de uma faixa de terras localizada entre os rios Negro, Uruguai, Iguazu e a Argentina” (FELIPPE, 1995, p. 7) ocorrida entre 1912 e 1916 em uma região juridicamente contestada pelos Estados do Paraná e de Santa Catarina, estabelecer algumas aproximações, um breve mapeamento da presença mulhêr, na tentativa de compreender que, para além das lideranças masculinas, no espaço sertanejo do Contestado, elas estavam incluídas.

O registro histórico, tanto escrito quanto visual do episódio, dá conta de uma intensa atuação de mulheres, as quais são comumente denominadas “virgens videntes”, “santas”, “líderes”, ou ainda simplesmente mencionadas como pertencentes a certo homem, referindo-se à companheira de um chefe sertanejo, coronel ou fazendeiro da região.

Procedendo a um levantamento bibliográfico, cujos registros primários e entrevistas trazem informações mais precisas e detalhadas acerca daquele conflito, foi possível constatar relatos e menções interessantes aludidas à participação feminina na Guerra Sertaneja do Contestado.

No decorrer do presente estudo, buscarei, à luz de autores como Maurício Vinhas de Queiroz (1966), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977), Demerval Peixoto (1995), Aujor Ávila da Luz (1952), Douglas Teixeira Monteiro (1974), Marli Auras (1995), Delmir Valentini (2003), Paulo Pinheiro Machado (2004), entre outros, trazer algumas descrições, apontamentos e considerações que aludam à presença e atuação feminina no Contestado, proporcionada pela sua vinculação a situações diversas, com as quais ensejo uma aproximação.

Tendo como ponto de apoio os referentes bibliográficos descritos e, como indicativas determinadas manifestações artísticas que versam sobre o tema, oriundas das minhas pesquisas e produções anteriores (PETRYKOWSKI PEIXE, 2006 e 2012), serão empreendidas essas aproximações, que buscarão contemplar alguns dos aspectos levantados, respectivos ao universo feminino.

A presença das mulheres: O universo militar sertanejo inclui o feminino

O século XIX e as primeiras décadas do século XX testemunharam, tanto no Sul como em outros lugares do País, disputas violentas, envolvendo

um grande contingente de homens, que empunharam armas em defesa do território, por interesses políticos, religiosos ou por conta de suas próprias convicções. Entretanto, nesse ambiente exclusivamente masculino, algumas mulheres se destacaram, ao comandar tropas, orientar espiritualmente, mediar negociações, atender às necessidades de grupos em tempos de guerra. Um dos exemplos marcantes foi Anita Garibaldi, a chamada heroína dos dois mundos, que esteve à frente, com seu companheiro, Giuseppe Garibaldi, em lutas no Brasil – onde combateu nas fileiras da Revolução Farroupilha – no Uruguai e também na Itália (AS DEZ MAIORES, 2004).

Na esteira desses acontecimentos, outros também podem ser considerados, dentre eles a Guerra Sertaneja do Contestado, expressão utilizada por Vinhas de Queiroz (1966) e justificada por Machado (2004) como sendo a mais adequada para designar o fenômeno histórico vivo e multifacetado na história da luta de classes no Brasil, que foi o movimento social do Contestado.

Os sertanejos, mesmo adotando o discurso religioso de defesa da ‘santa religião’, que se converteu numa linguagem usual da rebelião, tinham clareza quanto às forças com as quais estavam lutando. Seus alvos principais foram os chefes políticos locais, os grandes fazendeiros e comerciantes, os especuladores de terras e os interesses estrangeiros na região (a Brasil Railway e a Lumber). O movimento rebelde identificou, desde o início, a marginalização crescente e a gente ‘de cor’, ao passo que cresciam os privilégios e os estímulos à europeização do território planaltino (MACHADO, 2004, p. 34).

Os processos de marginalização se deram sob diversas circunstâncias com a entrada do capital estrangeiro e a grilagem promovida pela Brasil Railway Company e Southern Brazil Lumber & Colonization Company, que expropriava “legalmente” os sertanejos residentes nos 30 km marginais (15 km para cada lado), por onde passaria a ferrovia São Paulo – Rio Grande, além de adquirir uma grande quantidade de terras naquela área, explorar a madeira ali existente e lotear as terras para vendê-las a imigrantes. “A expulsão dos ocupantes, transformados em ‘intrusos’, é executada e a moderna exploração de madeira instalada arruína os pequenos produtores locais” (MONTEIRO, 1974, p. 31). Assim, de uma economia de subsistência, tem início um processo econômico exploratório e expansionista que incluía, ainda, a exploração, em larga escala, da erva-mate (abundante na região).

A caminho de sua realização plena, a ordem capitalista dava início à impiedosa desmistificação das relações de dominação [as relações solidárias e paternalistas do agregado e do patrão, bem como de compadrio entre o mandonismo local dos coronéis e daqueles que estavam sob seu domínio, legitimadas pelo poder público] que, desnudadas, mostravam sua verdadeira face (MONTEIRO, 1974, p. 31).

Aliados a outros fatores de ordem social, econômica e política, estão também os religiosos, dos quais fazem parte o movimento milenarista, conforme explicita Machado (2004), assim denominado por criar a expectativa religiosa de justiça e felicidade, cuja mudança teria início com o novo século e ainda, de outra parte, o caráter messiânico, que se traduz na espera pelo retorno de líderes espirituais, configurados em monges-profetas que, como eremitas, peregrinavam pelo sertão “erguendo cruzeiros e capelas, pregando, curando, organizando procissões” (QUEIROZ, 1977, p. 269). É o caso do monge João Maria, líder místico, que encontrou os sertanejos em situação de desamparo e submissão. Por aconselhá-los e prodigiosamente atendê-los (incutindo-lhes ainda ideias monarquistas, em oposição à República, defensora dos poderosos), este “santo” ganhou grande popularidade e, mesmo tendo desaparecido, sua memória permaneceu viva, mantendo-se a crença e esperança no seu retorno. Abandonados à própria sorte, os sertanejos não demoraram a identificar em outro homem, cuja fama espalhara-se por toda a região, a concretização profética do seu reaparecimento.

José Maria, que ficou conhecido como irmão do anterior, não demorou a reunir, em torno de si, um contingente significativo de desamparados e expropriados, que a ele acorriam para serem curados ou acolhidos e, ao seu lado se deixavam ficar, aumentando sua influência. Em Taquaruçu “dirigia terços, recitava narrativas sacras e contava histórias de Carlos Magno [...] promoveu uma guarda de honra, composta de 24 homens e mais o comandante, com a denominação de Doze Pares de França, todos montados em cavalos brancos” (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 88). Organizados a partir de ideais monárquicos, o ajuntamento em torno desta irmandade, liderada por José Maria, representava relativa força política que, aliada a algumas chefias locais, despertou apreensão em coronéis e lideranças políticas oponentes, que trataram de buscar reforços junto ao domínio federal.

Dirigindo-se para os campos de Irani e acompanhado pelo grupo da guarda que havia organizado, juntaram-se ao monge José Maria muitas pessoas. Na tentativa de dispersá-los, foram propostas negociações que acabaram resultando em um conflito armado onde, conforme sua própria previsão, o monge foi morto. A dispersão daqueles que o acompanhavam é seguida pela crença na ressurreição dele e de todos os seus seguidores (que “passaram” a fazer parte do Exército Encantado de São Sebastião), bem como a notícia de uma possível reaparição do monge em uma cidade onde se reuniriam para travar a guerra santa. “Não é despropositado supor que o exército sobrenatural fosse a representação coletiva que a comunidade dos crentes fazia de sua capacidade de luta” (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p.

118).

Todo este referencial foi necessário para explicitar, de maneira mais pontual, a forma como os grupos se organizaram e como foram desencadeados os sucessivos conflitos que fizeram parte da Guerra Sertaneja do Contestado.

Inúmeros autores, dentre eles Felipe (1995) fazem menção, neste período, à presença de uma guerreira, “Chica Pelega”, alcunha de Francisca Roberta que, durante o início da Campanha do Contestado auxiliou o Monge José Maria tomando conhecimento no trato com as ervas medicinais e acompanhando as peregrinações dos sertanejos entre os redutos.

[...] assumiu papel de destaque, admirada por todos. No primeiro ataque a Taquaruçu, Chica Pelega toma parte, montada em seu cavalo, empunhando a bandeira branca de cruz verde ao centro, infundindo o ânimo e a coragem aos sertanejos. A retirada das forças [federais] é a coroação da vitória e a euforia foi contagiante. Com a transferência do reduto para Caraguatá, em Taquaruçu permaneceram muitas crianças, velhos e enfermos. Chica Pelega também ficou, ajudando a atendê-los (VALENTINI, 2003, p. 118).

Com o inesperado ataque ao reduto desguarnecido de Taquaruçu e o bombardeio daquela cidade santa, todos pereceram.

Após estes episódios, seguiu-se a primeira presença feminina como vidente-comandante do reduto: uma menina de onze anos chamada Teodora, órfã de mãe e neta de criação de Eusébio Ferreira dos Santos e Querubina, fervorosos crentes na ressurreição do monge José Maria. Tanto a atuação de Eusébio – que, por ser um médio fazendeiro, tinha muitos laços de amizade, vizinhança e compadrio – quanto a de sua esposa, foi decisiva para o aumento no reduto de Taquaruçu, além de influenciar lideranças como a virgem Teodora (MACHADO, 2004). Seu poder de falar com o monge e proferir milagres, todavia, teve uma vida muito curta, por cair em descrédito. Sobre o assunto, Vinhas de Queiroz (1966, p. 122) relata, tendo ela própria como deponente:

Parece que Teodora encarou aquilo que dela dependia como farsa ou ‘brincadeira’ [...] ela não via nada das visões dela; eram os velhos que diziam para ela dizer e então ela repetia [...] há indícios de que era pressentida nos gestos de Teodora uma suspeitosa falta de autenticidade. Seja como for, o certo é que as visões de Teodora não conseguiram demover e mobilizar os que ainda se mostravam incrédulos.

Neste contexto, outros líderes ainda se destacaram como Manoel, filho de Eusébio e Querubina, ou ainda seu neto Joaquim. Com relação a este

último, a despeito do papel decisivo exercido pela avó na sua escolha como novo menino de Deus, mandou executar-lhe uma “sova de vara” que, após este ato, ficou sendo considerada santa (VALENTINI, 2003). O poder destas três lideranças jovens se consolidou, não apenas pelas propaladas capacidades mediúnicas e sagradas, mas, pelos laços consanguíneos com Eusébio. Este tinha o apoio de Chico Ventura, cuja filha de nome Hilária, era uma “virgem”³ que acompanhava Teodora. Com a declinação do “açó”⁴ dos jovens comandantes, vem o desgaste da liderança de Eusébio (MACHADO, 2004), resolvida de maneira surpreendente pela esposa Querubina, que convence a “comadre” Dúlcia, devota fervorosa do Monge, e seu marido, o rico fazendeiro e Juiz de Paz Elias Antônio de Moraes, o Eliasinho, a participarem “de corpo de alma” do movimento sertanejo.

Em todo o sertão, visões e aparições faziam parte da cultura oral através dos “causos” que se disseminavam entre a população. E a devoção ao Monge era grande. “Enlevada naquele ambiente, a bela e inteligente filha Maria Rosa [de Eliasinho e Dulcia], de 15 para 16 anos de idade, certo dia, no meio das orações, cai em transe, sobressaltando a família que se precipitou a ampará-la” (FELIPPE, 1995, p. 145). Tem início a liderança de Maria Rosa, Comandante Geral do Reduto de Caraguatá, cuja voz de comando era cumprida respeitosamente pelo povo, pois, como representante da vontade do monge, conhecia os seus desejos secretos (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 168).

Assim, acompanhada de outra virgem de menor vulto, Antoninha, recebia as ordens sagradas de José Maria: “Maria Rosa, com frequência permanecia longo tempo em um quarto escuro, de onde saía com as ordens transmitidas pelo monge [...] essas ordens eram primeiramente discutidas por um grupo de pessoas que faziam as vezes de um ‘conselho’” (AURAS, 1995, p. 87) para, posteriormente, serem transmitidas à irmandade.

Sobre como era fisicamente, não há descrições precisas, todavia, um importante autor assim descreve Maria Rosa:

[...] loura, cabelos crespos, pálida, alegre e de extraordinária vivacidade, não sabia ler nem escrever, mas falava com desembaraço. Andava amiúde com um vestido branco, enfeitado de fitas azuis e verdes e de penas de pássaros, de todos os matizes, em profusão. Era ela quem, nas procissões, marchava à frente, carregando uma grande bandeira com a cruz verde [...] Em geral o povo dos

³ Em nota de rodapé, o autor esclarece que nem sempre o título de “virgem” estava relacionado à condição sexual da moça.

⁴ O açó representa o carisma, que se associa diretamente aos poderes, tanto de vidência quanto de mando.

redutos considerava Maria Rosa uma santa e julgava que ela ‘tudo sabia’. Cumpria o povo, religiosamente, as ordens que dela emanavam (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 167-8).

Sob seu comando-geral, havia ainda outros comandos específicos: “os de forma, de guarda, de piquetes de briga, de reza e de abastecimento” (MACHADO, 2004, p. 122). O ataque a Caraguatá, um dos combates mais ferozes da guerra, foi vencido pelos pelados⁵, sob a liderança de Maria Rosa, o que fez com que todos acreditassem na invencibilidade do Exército Encantado de José Maria.

Sob os presságios de Maria Rosa, os sertanejos foram alertados acerca de um novo ataque e o desejo de mudança de reduto, o que foi apressado por uma epidemia de tifo. “Em Bom Sossego, Maria Rosa ainda desfrutou de seu prestígio por mais algum tempo. Para muitos, quando Maria Rosa deixou de ser ouvida, o movimento tomou outros rumos” (VALENTINI, 2003, p. 120).

Importante destacar que, além de Maria Rosa, outras figuras femininas eram bastante populares. As chamadas mulheres Intendentes, que desempenhavam, nos partos, o papel de comadres, mas também esconjuravam doenças e tinham práticas para atrair felicidade. Algumas ainda, temidas, muitas vezes por serem apontadas como bruxas, não deixavam de ser procuradas por todos os que recorriam à magia negra: eram as mandraqueiras⁶ (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 51).

Em um ambiente mítico e conturbado, as lideranças religiosas se sobressaíram, principalmente aquelas que se outorgavam porta-vozes dos poderes celestiais e dos desejos do Monge. Assim, as virgens detiveram, por bom tempo, um poder político, legitimado pelas qualidades de vidente e escorado pelas lideranças de briga, um dos graus na hierarquia dos redutos.

O sentido de valorização da virgindade e da inocência entre os sertanejos liga-se certamente a uma tradição religiosa muito antiga, cristã e não-cristã. [...] A defesa da inocência, de um modo geral e, particularmente, da virgindade feminina não deixou de ser uma questão do grupo doméstico. No entanto, assiste-se à promoção de certas crianças e certas donzelas a uma condição privilegiada, como se nelas se concentrasse uma virtude que não era possível, nem conveniente defender em todos os casos e de modo permanente. Dentro dos quadros de uma tradição cultural que confere ao homem preeminência muito acentuada sobre a mulher e onde a autoridade dos mais velhos é prezada, onde a mulher ‘que se governa’ é a prostituta, crianças e virgens podem assumir

⁵ Denominação usual aos indivíduos pertencentes à irmandade, que tinham suas cabeças raspadas, em oposição aos peludos, representantes das tropas repressoras.

⁶ No dicionário Houaiss (2001) feiticizas, que praticam a bruxaria.

e assumem posição destacada, sendo cercadas de referência (MONTEIRO, 1974, p. 132).

Deste modo, a presença explícita das mulheres – meninas – enquanto líderes, não sofria distinção, podendo esta também ser masculina. À parte as virgens videntes, outras que se destacaram estariam diretamente associadas a uma figura masculina. Nesse sentido, podemos fazer menção à Filhinha, sobrinha e ex-amante do poderoso coronel Fabrício Vieira. Ela, mulher com quem o capitão Matos Costa se relacionara, mediou a obtenção de cartas e documentos que comprometeram, diante do Ministro da Guerra, o seu tio coronel que, posteriormente, reuniu os seus capangas para emboscar (e, ao que se supõe, ter sido o mandante/assassino) aquele capitão oficial do exército, intercessor das negociações de paz junto aos redutários.

É também o caso de Mariquinhas ou Mariazinha, viúva do comandante Francisco Alonso, com quem o temível chefe (embora figura controversa) Adeodato Manoel Ramos – denominado último jagunço “o maior matador que os sertões catarinenses produziram” (FELIPE, 1995, p. 200) se envolveu, após tirar a vida de sua mulher Maria Firmina da Conceição, porque “não gostava mais dela ou para juntar-se com Mariazinha” (VINHAS DE QUEIROZ, 1966, p. 271).

Como apontei anteriormente, nas bibliografias que versam sobre o tema, há inúmeras menções e relatos detalhados sobre mulheres e suas funções, raramente entrecortados por fotografias. Mais recentemente, entretanto, sua participação nas questões do Contestado é ilustrada por pinturas, desenhos ou miniaturas.

Das mulheres descritas no decorrer desse estudo, duas fotografias podem ser citadas: a da “virgem” Teodora (datada de 1954) apresentada por Vinhas de Queiróz (1966) cuja autoria não é mencionada (Fig. 01) e outra, com data desconhecida, do fotógrafo de origem sueca que trabalhou para a Lumber, Claro Jansson (1877-1954), imagem que consta em inúmeros livros de história e que se popularizou por apresentar o “suposto monge” José Maria, ao lado das virgens (Fig. 02). Em outras manifestações artísticas, é possível verificar a presença significativa da figura feminina no contexto da Guerra Sertaneja do Contestado.



Fig. 01 e Fig. 02 – Referência às fotografias com imagens femininas. À esquerda, A virgem Teodora, Fotografia extraída do livro de Maurício Vinhas de Queiroz (1966); Teodora Alves foi entrevistada em 10/02/1954 – Imagem de autoria não mencionada. À direita, Claro Jansson "Suposto" monge José Maria ao lado das virgens (data desconhecida). Fotografia. Fonte: Acervo da família de Claro Jansson – Itararé, imagem digitalizada por Jandira Jansson.

Mulheres na arte: O universo feminino também se faz presente nas imagens da guerra

Ao apropriar-se de um fato histórico para dele “construir imagens”, sejam elas pintadas, desenhadas, esculpidas, impressas, entre outras formas expressivas, o artista lida com tais fontes visando estabelecer um diálogo e buscando, nesse fato, alguma referência. Todavia, nunca é demais endossar o que Paiva (2006, p. 17) aconselha:

A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. [...] Quantas vezes tomamos uma cena idealizada nos moldes renascentistas como retrato daquele tempo, das cortes, dos homens e das mulheres, da cidade e da fé daquele tempo? É preciso saber filtrar todas essas imagens, todo esse registros iconográficos.

O autor ainda ressalta o incessante processo de construção da história, a sua permanente gestação, “sempre ocorrendo do presente para o passado” (PAIVA, 2006, p. 19), sendo necessário, quando se trata do uso das imagens de caráter histórico, ir além do que há apenas de visível ou explícito nessas imagens – suas lacunas e silêncios – como códigos que requerem identificação e compreensão, sendo possível ao historiador ou professor, a partir delas ou tomando-as em comparação, a análise de outros temas em contextos diversos.

No decorrer dos estudos que venho empreendendo acerca das imagens artísticas de conteúdo histórico, algumas aproximações dão conta das formas como os artistas que “ilustram” a Guerra Sertaneja do Contestado têm se expressado e quais têm sido as suas referências de pesquisa. Há um número significativo de imagens que fazem alusão a aspectos da guerra e seus personagens. Entre essas iconografias, nota-se a significativa presença de mulheres, tais como a virgem Teodora, Francisca Roberta (a Chica Pelega) e ainda a virgem Maria Rosa – essa última mencionada de maneira recorrente – sendo retratadas das mais diferentes formas.

No que se refere ao conteúdo escrito e descrito pelos livros, muitas questões e passagens poderiam ser destacadas. Todavia, cabe aqui uma ênfase maior àquelas para as quais foram produzidos o maior número de imagens [entre elas] as narrações que aludem à “virgem” Maria Rosa, personagem singular no evento do Contestado, cuja menção é feita na grande maioria dos livros que tratam do episódio e a quem os artistas parecem dedicar um capítulo especial na sua produção (PETRYKOWSKI PEIXE, 2012, p. 194).

Sobre o seu aspecto, entre os autores, parece não haver descrições coerentes. Alguns escritores a referenciam como a Joana D’Arc do sertão,

porque combatia montada em um cavalo, empunhando uma bandeira. Isso pode ter sido uma informação importante para o artista Willy Alfredo Zumblick (1913-2008), ao produzir a obra intitulada *Maria Rosa Alegoria*, de 1982 (Fig. 03) que alude a uma heroína sobre seu cavalo, cingida de uma aura mística, tendo a admiração e o carinho do povo à sua volta.

Em outras situações, Maria Rosa é metaforizada como uma “santa” em oração, rodeada por sete anjos pelados⁷, como é o caso da obra realizada em 1986, pelo artista Leandro Vitto (1967), sob o título *Anunciação de Maria Rosa* (Fig. 04) a partir do poema XIX “*Rosa Maria dos Anjos*” da poetisa sul-matogrossense Raquel Naveira (1996, p. 63).



⁷ Interpretação literal dos chamados “pelados” que faziam parte do exército sertanejo. O artista endossa essa proposição ao ser inquirido a respeito da imagem, afirmando que o sétimo anjo estaria à sua frente, olhando para ela.



Fig. 03 e Fig. 04 – Referência às imagens de Maria Rosa. À esquerda, Zumblick Maria Rosa Alegoria 1982. Técnica: Óleo sobre tela. Dimensões: 145 cm x 130 cm. Fonte: Acervo Museu Willy Zumblick, Tubarão SC, fotografia de Carlos Rocha. À direita, Leandro Vitto Anunciação de Maria Rosa 1986. Técnica: Óleo sobre tela. Dimensões: 86 cm x 110cm. Fonte: Acervo particular. Caçador SC, fotografia de Leandro Vitto.

A artista Dea Catarina Reichmann (1930) nos apresenta particularidades acerca da personagem Maria Rosa: cabelos louros e compridos, com adornos e flores, também presentes no longo vestido branco que usa. Os personagens

mostrados nas obras de Reichmann, geralmente são apresentados com seus olhos vazados. É o caso do olhar de Maria Rosa, cujo contorno em tons de verde claro parece conferir tranqüilidade à jovem, que traz empunhada a bandeira branca com a cruz verde. Tonalidades azuis e violáceas, de aspecto fantasmagórico, perpassam toda a cena, que traz Maria Rosa à frente, confiante e resoluta (Figuras 05 e 06).



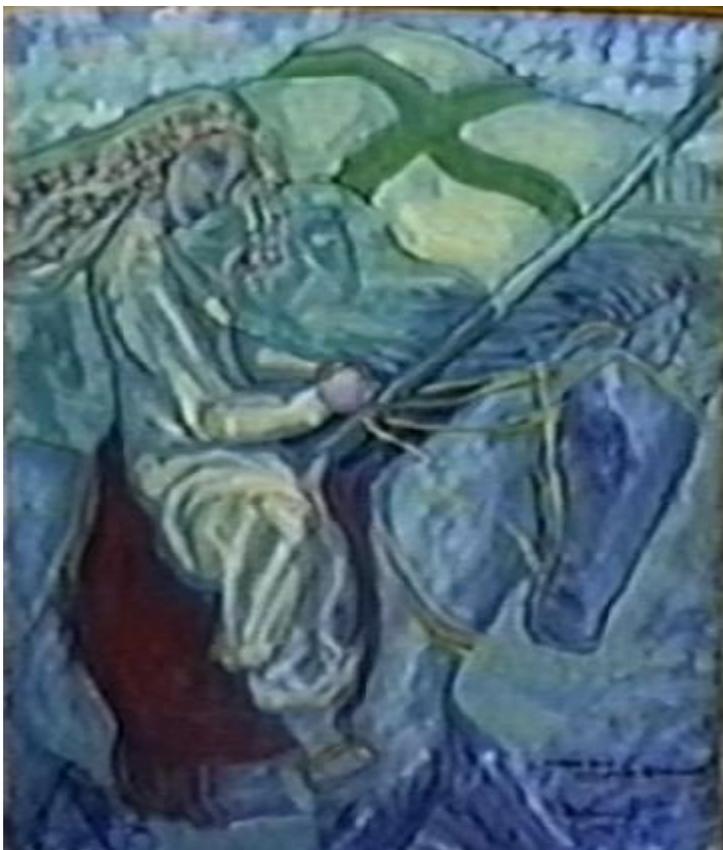


Fig. 05 e 06 – Referência às imagens de Maria Rosa. D.C. Reichmann *Maria Rosa vidente, comandante e chefe* (1993). Técnica: óleo sobre madeira. Dimensões: 50 cm x 80 cm. Fonte: Acervo particular – Imagem digitalizada pela autora.

Os breves recortes aqui apontados dão conta da riqueza visual originária da temática sobre a Guerra Sertaneja do Contestado. Desses tempos são apresentadas, entre outras histórias, aquela construída pelos artistas, que pode ou não dizer respeito à “história oficial”, à história apresentada na literatura ou mesmo à história oriunda das pesquisas acadêmicas, dos depoimentos. Quero dizer com isso que em arte, produzir narrativas é fazer escolhas, eleger situações, criar climas diferenciados, perder-se no ilimitado universo de temas e assuntos que a memória torna plausíveis. Com isso, fica evidente que “cada artista, em sua expressividade, seleciona os aspectos que

julga pertinentes, quer sejam suscitados pelos episódios ou aqueles que ele mesmo enseja propor dos fatos, a partir da sua própria significação” (PETRYKOWSKI PEIXE, 2012, p. 348).

Para concluir...

Os caboclos do Contestado catarinense viveram e morreram sonhando com ilusões. Esperando o dia do juízo final, do ‘Millenium’, da hora da morte. Daquele momento em que tudo é nada (DERENGOSKI, 1987, p. 70).

Junto àqueles sertanejos segregados e homens de todas as naturezas, caboclos, coronéis, fazendeiros, chefes, vaqueanos, militares, desequilibrados, mágicos, sacerdotes, crentes e figuras místicas, que fizeram parte do Universo Contestado, estavam as mulheres, com semelhantes modos de vida e práticas particularmente comuns para aqueles tempos, nos quais preponderava a lei dos mais poderosos, em que a grande maioria era constituída de pessoas analfabetas.

Procurei, aqui, de uma forma sucinta e, com base no material bibliográfico e visual disponível, proceder a uma aproximação com este contexto, tão pouco considerado, em que a mulher se coloca a serviço da causa, no mais das vezes escorada pela figura masculina, ainda que exercendo certa liderança.

Há uma diversidade significativa de informações históricas, a despeito das inúmeras controvérsias e fantasias que fizeram e fazem parte do imaginário popular em torno das questões ligadas à Guerra Sertaneja do Contestado. É o caso, por exemplo, de Maria Sete Pelos, possivelmente uma mulher da noite, cujo nome é mencionado por Vinhas de Queiroz (1966, p. 224) e endossado em interessantes “causos” contados por Vicente Telles, em torno da qual se construíram imagens folclóricas e uma infinidade de histórias.

Mas essa é uma outra história ...

Referências Bibliográficas:

COLEÇÃO AVENTURAS DA HISTÓRIA. **As dez maiores mulheres**. Vol. 02. São Paulo: Editora Abril, out. 2004.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

ÁVILA DA LUZ, Áujor. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1952.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. **Os rebeldes do Contestado**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

DOLBERTH, Aldo (org.) **Maria Rosa**: a “virgem” comandante da guerra sertaneja do Taquaruçu. Curitiba: Tipograf, 2005.

FELIPPE, Euclides J. **O último jagunço**. Curitiba-SC: Universidade do Contestado, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e atuação das chefias caboclas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

MAQUIAVEL, N. **A arte da guerra**. Col. Grandes Obras do Pensamento Universal, v. 8. São Paulo: Ed. Escala, s.d.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas cidades, 1974.

NAVEIRA, Raquel. **Caraguatá**: poesia. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1996.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**: as raízes da rebeldia. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

PETRYKOWSKI PEIXE, Rita Inês. **Retratos do Contestado**: a história através da arte. Caçador: CINESC, 2006. 1DVD (37min), son., color.

_____. **Imagens que (re) constroem história**: alegoria e narratividade visual da Guerra Sertaneja do Contestado. Porto Alegre: UFRGS, 2012, 370 f Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós Graduação em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PRADI, Cirila de Menezes. **Chica Pelega do Taquaruçu**. Florianópolis:

IOESC, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste**: Memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. Caçador: Universidade do Contestado, 2003.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

ABSTRACT: The proposed study brings some approach about the women presence, having as a background the Sertaneja War of Contestado, in an attempt to argue that, beyond the men leadership, on sertanejo space of the War of Contestado, many women were involved, having her names registered on history. If the sertanejo military universe includes the feminine, the artistic production from this incident also has - although the bibliographic descriptions that cross this subject - whether as warlike leaders, heroes, seers, mothers painful or simply acting in battlefield, in the difficult times of war.

Keywords: Women; leadership; Art; Sertaneja War of Contestado
